

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



A ACTUAÇÃO VOTIVA DOS GRUPOS DE ORIGEM SERVIL NO SUL DA LUSITÂNIA

Sílvia Teixeira¹

RESUMO

O propósito deste trabalho passa por expor algumas considerações a respeito da presença e actuação dos grupos de origem servil em âmbito votivo, no Sul da Lusitânia, procedendo ainda à averiguação de algumas ideias que têm sido difundidas pela literatura desta temática, a respeito da representatividade de escravos e libertos na epigrafia votiva e da natureza das divindades por eles cultuadas no contexto mais lato da Hispânia.

Com vista a cumprir este propósito, recorreremos à epigrafia latina como principal fonte informativa, a qual, embora quantitativamente modesta e susceptível a dificuldades de interpretação, decorrentes da complexa identificação de escravos e libertos nas inscrições, afigura-se-nos informativa nestes aspectos, corroborando o importante papel destes grupos nas vivências socioculturais da Lusitânia.

Palavras-chave: Epigrafia votiva, Escravos, Libertos, Sociedade lusitano-romana.

ABSTRACT

This paper aims to present some views on the votive presence and activity of the servile groups in Southern Lusitania, while also examining certain ideas which have featured in the literature pertaining to these topics, regarding the representation of slaves and freedmen in the votive epigraphy, and the nature of the worshipped deities in the broader context of Hispania.

In order to fulfil this purpose, the Latin epigraphy will be deployed as the main informative source, despite its modest dimension and susceptibility to interpretation problems, due to the complex identification of slaves and freedmen in the inscriptions, given its potential to bring us information on such aspects, validating the important role of these groups in the socio-cultural undertakings of Lusitania.

Keywords: Votive epigraphy, Slaves; Freedmen, Lusitanian-Roman society.

1. PREÂMBULO. O CONTEXTO GEOGRÁFICO E TEMÁTICO

A noção da considerável influência dos grupos de origem servil no perfil económico e sociocultural das sociedades romanizadas não é recente, datando os mais antigos trabalhos a este respeito dos séculos XVII e XVIII. Atribuindo a estes indivíduos um peso potencialmente significativo na construção da história social da Lusitânia enquanto província romana, este trabalho pretende focar-se na sua importância em âmbito cultural, tendo vindo a merecer menos atenção em prol da análise dos escravos e libertos enquanto recursos económicos e marcadores de *status* e mobilidade social. Neste sentido, avulta

a relevância da documentação epigráfica como fonte informativa, permitindo-nos a aproximação às percepções e comportamentos destes grupos em âmbito religioso, através de elementos de análise como as características dos monumentos, representatividade e distribuição das divindades cultuadas, indicação de eventuais cargos e profissões dos dedicantes, entre outros.

Porém, tal como qualquer outra fonte informativa, a epigrafia não se encontra isenta de entraves, nomeadamente quanto à ambiguidade da identificação de escravos e libertos (Mangas, 1971; Fabre, 1976 e 1981; Encarnação, 1984), tendo em conta a extensão, a partir de finais do séc. I d. C., da tendência para a omissão quer das referências ao estatuto servil,

1. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; silvia_teixeira16@yahoo.com

quer da filiação em indivíduos de nascimento livre; juntamente com o facto de a onomástica de origem grega não constituir um critério seguro para a identificação de escravos e libertos, podendo designar também imigrantes do Mediterrâneo oriental ou os seus descendentes.

Assim sendo, este trabalho entende como indivíduos de origem servil todos aqueles que, além de se identificarem claramente como *servus* ou *libertus* (nas suas diversas formas abreviadas), possuem antropónimos orientais ou latinos que se observem com frequência neste meio, contando com mais de 5% de escravos e/ou libertos entre os seus portadores (Kajanto, 1982) e omitindo sempre a filiação.

No tocante à extensão territorial, sobressaem quatro delimitações na globalidade do espaço a Sul do Tejo, que optámos por considerar para este trabalho, dada a relevância das suas amostras epigráficas: o Sul do território actualmente português, que constitui a parte mais ocidental deste território, composto por vários núcleos de feição urbana e rural; a capital provincial, *Augusta Emerita*, à qual se associa o território de *Turgalium*, enquanto sua comunidade estependiária, e ainda o território de *Norba*, que constitui uma colónia militar.

É neste contexto geográfico-cultural que pretendemos averiguar a exactidão de certas ideias que têm povoado a literatura referente a estas realidades no contexto da Hispânia, nomeadamente: a noção dos integrantes do meio servil como o grupo melhor representado em contexto votivo (Vázquez Hoys, 1981: 43); a maior inclinação destes para os cultos locais e orientais, em detrimento dos cultos oficiais romanos (Mangas, 1971: 114; Vázquez Hoys, *op. cit.*), e a falta de correspondência entre as divindades cultuadas por escravos e libertos.

2. O PANORAMA VOTIVO NO SUL DO TERRITÓRIO ACTUALMENTE PORTUGUÊS

De uma forma geral, a representação dos grupos de origem servil em âmbito votivo afigura-se modesta nesta parte do território, sobretudo dos escravos. Das 73 inscrições votivas analisadas neste espaço, 21 fazem referência a indivíduos de origem servil (29%), equitativamente repartidas pelos territórios urbanos e rurais. Esta amostra regista 25 indivíduos, 16 dos quais são dados como libertos; por sua vez, nove indivíduos afiguram-se detentores de condição escrava. Nos espaços urbanos, os libertos cons-

tituem a segunda categoria mais presente na epigrafia, a seguir aos cidadãos romanos, encontrando-se os escravos em terceiro lugar (Teixeira, 2015: 99), o que se afigura ilustrativo do importante papel dos libertos no desenvolvimento urbano. Por seu lado, na esfera rural mantém-se o domínio da cidadania romana, enquanto a representatividade dos libertos desce em favor dos *peregrini*, seguindo-se-lhes os escravos (Teixeira, 2015: 110).

No tocante às divindades, a epigrafia votiva desta parte do território compreende cerca de 41 divindades diferentes, 15 das quais contam com escravos e libertos entre os seus cultuantes, distribuídas por um conjunto de 21 epígrafes, o que nos remete para um panorama votivo diversificado e algo fragmentado. As divindades romanas emergem como as mais cultuadas entre estes grupos, em concordância com o seu domínio no panorama votivo global do território (Teixeira, 2015: 33), seguindo-se-lhes as de natureza oriental. Poderemos estar na presença de uma ligação entre o meio servil e os cultos romanos de natureza florestal, documentados quase unicamente no âmbito rural do Sul do território português, como sugere o conjunto formado pelas seguintes inscrições:

- IRCP 58 (Loulé, Faro): *D(ianae) S(ilvestri) [vel D(eo) S(ilvano)] s(acrum) / Fonteius / Philomu / sus ex vo / tu animo / libens / posuit* (Encarnação, 1984: 104)²; IRCP 61 (Serros Altos, Albufeira, Faro): *S(ilvano) (hedera) S(ancto?) (hedera) T(?) / votum / posuit T (?) / aram / Peculiaris* (Encarnação, 1984: 109)³. Estas epígrafes, que têm sido entendidas como homenagens a Diana e/ou Silvano, constituem os únicos testemunhos do culto destas divindades no território em análise, registando dois cultuantes de presumível origem servil (Teixeira, 2015: 114).
- IRCP 437 (Bencatel, Vila Viçosa, Évora): *Fontan[o?] / sacrum / Threptus C(aii) Appulei / Silonis • ser(vus) v(otum) s(olvit) • l(ibens) • a(nimo) / ob • aquas • inventas*; e IRCP 438 (Ervedal, Avis, Portalegre): *Fontano/et • Fontanae/*

2. Por sua vez, J. Cardim Ribeiro (2002a: 444) propõe *D(ianae) S(ilvano) S(ilvestri)*; já a leitura de J. M. Abascal (HEp 6, 1996, 1040) liga esta inscrição a uma divindade nitidamente distinta: *D(eae) S(anctae) S(acrum)*.

3. J. Cardim Ribeiro (2002b: 445) lê *Silvano Silvestri Dianae*; enquanto as leituras apresentadas em CIL II 5138 e ILLER 477 propõem *S(aluti) S(anctae) D(eae)*.

pro salut(e) • Al / bi • Fausti • Albia / Pacina • v(otum) • s(olvit) • a(nimo) • l(ibens), registando um escravo e dois presumíveis libertos, respectivamente, entre os quatro cultuantes de Fontano/a identificados no território em análise (Teixeira, 2015: 376).

– HEp 17, 2008, 212 (Beja, Beja): *Bona[e • Deae / Iullia • L(uci) l(iberta) • Sat[urnina • d(e) • s(ua) • p(ecunia) • d(onum) • d(edit)]*, tratando-se da única destas epígrafes descoberta em âmbito urbano, que assinala o cumprimento de um voto a *Bona Dea* por uma liberta, constituindo também o único testemunho do culto desta divindade (Teixeira, 2015: 100-101). Cabe ainda referir o facto de esta inscrição, gravada num lintel, sugerir a possibilidade de a dedicante ter custeado a edificação de um pequeno templo à divindade, remetendo assim para o seu apreciável poder aquisitivo (Encarnação, 2008: 223-24).

Os escravos e libertos desta parte do território não terão sido alheios à invocação das divindades em âmbito colectivo, procedendo ao cumprimento dos votos pela saúde ou benefício tanto dos seus companheiros de servidão como dos seus donos. Entre os exemplos desta situação na esfera urbana contam-se uma inscrição de Milreu, Faro⁴, documentando o cumprimento de um voto por um liberto “pela saúde e prosperidade deles” (Encarnação, 1984: 43), juntamente com uma epígrafe de Beja⁵ que nos dá a conhecer a iniciativa conjunta de dois escravos com vista a homenagear a sua presumível dona (Encarnação, *op. cit.*: 301). Por seu lado, em âmbito rural, além da já referida epígrafe de IRCP 438, cabe referir uma outra inscrição da *villa* de Pisões (S. Tiago Maior, Beja)⁶, na qual o escravo *Catulus* parece assumir a representação de uma colectividade de escravos, que se reuniria assim para prestar homenagem ao seu dono (“*Gaio Atilio Cordo nostro*”).

Por fim, cabe referir a existência de certas divindades, que contam com testemunhos únicos no Sul do território português, registando apenas cultuantes

oriundos do meio servil, como são os casos de Esculápio, Juno (Teixeira, 2015: 101-102), Mitra (Teixeira, 2015: 125) e Toga (*op. cit.*: 123); embora esta situação se afigure mais relacionável com o carácter fragmentado do conjunto epigráfico votivo atribuído ao meio servil.

A homenagem a Esculápio acima referida, procedente do núcleo urbano de Miróbriga (Santiago do Cacém)⁷, assume especial relevância pela sua referência a *um medicus Pacensis*, ilustrando a ligação entre o culto desta divindade e o meio servil, a qual parece relacionar-se com o papel desta divindade enquanto patrona da medicina, actividade entendida como típica de libertos na Roma alto-imperial (Daremberg, Saglio e Pottier, 1900: 1672, s. v. “*Medicus*”).

3. O PANORAMA VOTIVO DE AUGUSTA EMERITA

A cultura epigráfica de *Emerita Augusta* constitui um reflexo fidedigno do seu papel enquanto capital provincial, com mais de um milhar de inscrições integráveis em diversos contextos. Como assinala M. Pastor Muñoz (2010: 339), a maioria da epigrafia latina emeritense reveste-se de um carácter honorífico, revelando-se portanto mais informativa a respeito dos sectores mais influentes da sociedade, entre os quais se contam senadores, cavaleiros e decuriões. Efectivamente, em âmbito votivo registam-se apenas cerca de 51 inscrições, 21 das quais registam indivíduos dados como pertencentes ou ligados ao meio servil (41%). A representação de escravos e libertos afigura-se mais proeminente na epigrafia funerária, dada a ligação destes monumentos aos estratos mais modestos da sociedade (Pastor Muñoz, *op. cit.*: 338). Os libertos fazem-se representar de forma mais marcada na epigrafia votiva em comparação com os escravos, pois, de entre os 19 indivíduos de origem servil registados neste âmbito, 5 identificam-se como escravos e 14 como libertos.

Das 21 divindades registadas no repertório epigráfico emeritense, dez terão sido objecto de culto por parte dos grupos de origem servil. Apesar de metade destas constituírem divindades romanas, com

4. IRCP 2: [..] / EF [..] / LIS [..] / M(arcus) Acilius [Bal?]/bus lib(ertus) [..] / [..] [p]ro salute [et re]/[d]litus(!) aeor[um] / [a(nimo) l(ibens)] v(otum) [s(olvit)].

5. IRCP 229: *Iunoni / Secundae • n(ostrae) / Primogene / et • Felix • ser(vi)*.

6. IRCP 290: *Saluti (hedera) pro / G(aio) • Atilio • / Cordo • n(ostro) • Cat(ulus) • ser(vus) / votum • s(olvit) • a(nimo) • l(ibens)*.

7. IRCP 144: *Aesculapio (hedera) / deo / C(aius) / Attius Ianuarius / medicus pacensis / testamento legavit / ob merita splend(i)ssimi ordinis / [qu]od ei [q]uinquatri[.]VM praestiterit / [F]abius Isas heres / fac(iendum) (hedera) cur(avit) (hedera)*.

apenas três representando as divindades orientais (Cíbele, Mitra e Némesis), o culto destas revela-se predominante no que respeita ao número de inscrições a elas consagradas, perfazendo quase metade do total de epígrafes.

Destaca-se Mitra como a divindade mais frequentemente invocada, o que se afigura consistente com a situação descrita por J. Toutain (1911: 160-63 e 166-67) e J. Alvar (1981: 64) quanto à abundante representação de indivíduos detentores de onomástica oriental, incluindo escravos e libertos, entre os cultuantes desta divindade: das 10 invocações descobertas no território emeritense, oito registam dedicantes de presumível origem servil. No panorama votivo global, Mitra emerge também como a divindade mais cultuada, pese embora o predomínio dos cultos romanos, quer no que respeita ao número de divindades, quer ao conjunto de inscrições a elas dedicadas. Os libertos emeritenses presentes entre os cultuantes de Mitra terão gozado de apreciável estatuto socioeconómico, como sugerido pelos exemplos de *T. Claudius Artemidorus*, cuja dedicatória se encontra inscrita numa base de estátua (CIL II 464), e de *C. Camilius Superatus*, que manda fazer uma ara cujas exíguas dimensões não obscurecem a graciosidade deste monumento (HAE 2692). Na epigrafia votiva de Mérida estão presentes, além do conhecido sacerdote de Mitra, *G. Accius Hedychrus*, dois outros detentores deste cargo, desta vez integrados no culto de Cíbele⁸, que terão presidido à cerimónia do *taurobolium* enquanto rito fundamental deste culto (Toutain, 1911: 78-79; 84).

Por seu lado, no tocante às divindades romanas, merece referência o cumprimento do voto a *Venus Victrix* por um *medicus*⁹, tratando-se de uma profissão bem representada na epigrafia emeritense, embora esta constitua a única referência a um *medicus* fora do âmbito funerário nesta colónia (Edmondson, 2009: 120-122); bem como a homenagem de um liberto ao *Genius* emeritense¹⁰, fazendo-se acom-

8. CIL II 5260: *M(atri) d(eum) s(acrum) / Val(eria) Avita / aram tauriboli(i) / sui natalici red/diti d(onom) d(edit) sacerdo/te Doccyrico Vale/riano arc(h)igallo / Publicio Mystico*.

9. CIL II, 470: *Veneri Victrici / L(ucius) Cordius Sym/phorus medicus / sac(ravit) ex voto*.

10. ERAE 9 = AE 1984, 485: *G(enio) c(oloniae) I(uliae) A(ugustae) E(meritae) / C(aius) Antistius / C(ai) lib(ertus) / Iucundus / palm(am) ex p(ondo) II(unciarum) / v(otum) s(olvit) l(ibens) a(nimo)*.

panhar da oferenda de uma palma, ilustrando a integração deste indivíduo na norma sociocultural romana, embora a ausência de menção ao material da palma nos impeça de precisar o alcance da sua pujança socioeconómica (Étienne e Mayet, 1984: 169-70). Por fim, também no território emeritense se registam certas divindades que, entre os testemunhos únicos do seu culto, contam exclusivamente com escravos e/ou libertos entre os dedicantes, como é o caso de *Edigenio*, entendido como uma divindade ligada aos ideais de renascimento e fecundidade (Prósper, 2002: 308); juntamente com Juno, Cíbele, *Dea Sancta Proserpina*, *Genio colonia* e *Vénus*.

4. O PANORAMA VOTIVO DE NORBA

A epigrafia de *Norba* compreende mais de cinco centenas de inscrições, 117 das quais se inserem em âmbito votivo (cerca de 23%), apontando para o maior peso da epigrafia votiva nesta colónia, em comparação com *Emerita*. No entanto, a representação do meio servil neste âmbito afigura-se menor em comparação com a capital provincial, dada a presença destes grupos em apenas 14 destas inscrições (12%), documentando também 14 indivíduos. Esta modesta amostra provém, na sua grande maioria, do meio rural, com apenas duas epígrafes pertencentes ao núcleo urbano de *Norba Caesarina*. Tal como tem vindo a ser observado, a representação dos libertos mantêm-se mais notória face à dos escravos, uma vez que apenas dois destes indivíduos se identificam como tal, sendo os restantes detentores de condição liberta.

O repertório epigráfico votivo de *Norba* compreende 27 divindades, oito das quais contam com indivíduos de origem servil entre os seus cultuantes. Contrariamente à situação que caracteriza o panorama votivo de Mérida, as divindades romanas surgem como as mais cultuadas entre os escravos e libertos de *Norba*, embora não se apresentem muito aquém das suas correspondentes autóctones. Destaca-se o culto de Júpiter, que surge mais frequentemente invocado na forma tradicionalmente romana, *Iovi Optimo Maximo*, embora se verifique também o que parece constituir um fenómeno de sincretismo entre esta divindade e uma correspondente local, de natureza e características semelhantes.

Esta situação revela-se idêntica no panorama votivo global, marcado pelo claro predomínio dos cultos romanos, destacando-se, mais uma vez, o de Júpi-

ter, homenageado quer como *Iovi Optimo Maximo*, quer revestido de outros epítetos, nomeadamente *Solutorio* e *Repulsorio*.

As duas únicas epígrafes integráveis na esfera urbana invocam também divindades romanas, mais concretamente *Nabia*¹¹ e *Vénus*¹², sendo que esta última constitui o único testemunho do culto desta divindade no território norbense. Afigura-se curioso o facto de terem em comum o epíteto *Augusta*, sendo uma destas divindades indígena, e a outra romana; tendo ainda em conta a presumível ligação de *Nabia* a ambientes rurais, enquanto divindade dos vales (Melena, 1984: 244; Prósper, 2002: 189-95). Já no tocante aos monumentos, estes consistem, na sua quase totalidade, em aras de feição rústica, contrastando com a relativa graciosidade dos exemplares emeritenses.

5. O PANORAMA VOTIVO DE TURGALIUM

À semelhança de *Norba*, o repertório epigráfico de *Turgalium* compreende cerca de 500 inscrições, 83 das quais se inserem em âmbito votivo. Todavia, apenas dez destas fazem referência a cultuantes integráveis no meio servil (12%), um valor equiparável ao verificado para o território norbense, registando também 10 indivíduos. Tal como tem vindo a verificar-se para as restantes delimitações territoriais, os libertos gozam de mais abundante representação em contexto votivo, embora a disparidade entre ambos os grupos não se revele tão acentuada, identificando-se três dos 10 indivíduos como escravos, e sete como libertos.

Na epigrafia votiva de *Turgalium* estão presentes 23 divindades, seis das quais contam com grupos de origem servil entre os seus dedicantes. Também neste território se verifica a proximidade dos cultos indígenas e romanos em termos de fixação, não obstante a maior popularidade destes últimos. Júpiter afirma-se novamente como a divindade mais cultuada, quer na vertente tradicionalmente romana, quer assimilada à divindade das populações locais. Neste sentido, revela-se curiosa uma inscrição de Ibahernando (Cáceres) registando o cumprimento

11. AE 1984, 494 (Cáceres, Cáceres): *A(ugustae) Nabiae / Victor / Sempr(oni) s(ervus) / a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit)*.

12. Fita Colomé, 1917: 437 (Cáceres, Cáceres): *Veneri A(ugustae) / Antestia / Anuis An/testiae l(iberta) li/be(n)s a(nimo) v(otum) s(olvit) / {V}*.

de um voto a *Deo Optimo Maximo*¹³, pela semelhança com o modelo tradicionalmente romano de invocação de Júpiter, podendo designar a divindade indígena do local (Esteban Ortega e Redondo Rodríguez, FE 133, 2015, 557).

Estamos perante o único testemunho do culto desta divindade em toda a extensão territorial considerada, pertencente à esfera rural, tendo o voto sido cumprido por um possível detentor de condição escrava. Já em âmbito urbano, cabe referir a dedicatória ao *Genio Turgalensium* por um presumível libertato¹⁴, juntamente com a invocação de *Nabia*¹⁵, que não parece ter sido cultuada fora do âmbito urbano. Todavia, cabe referir que, contrariamente ao que se verifica na capital provincial, as divindades orientais não terão recebido culto por parte de escravos e libertos, não obstante a sua presença na epigrafia votiva do sítio. Embora Júpiter se mantenha como a divindade mais cultuada em *Norba*, merece também referência a popularidade do culto de Belona, divindade à qual é consagrada a quase totalidade das dedicatórias a divindades orientais.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pese embora o carácter limitado e fragmentário dos dados com que pudemos contar para este trabalho, afigura-se lícito retirar algumas ilações a respeito das percepções e atitudes dos indivíduos de origem servil em âmbito votivo.

Primeiramente, importa referir que a actuação votiva destes no Sul da Lusitânia apresenta-se modesta, contrastando com a situação descrita por A. Vázquez Hoys (1981: 43). Curiosamente, a representação destes indivíduos revela-se mais acentuada na epigrafia votiva de Mérida, cujos escravos e libertos têm sido mais nitidamente ligados ao âmbito funerário, em detrimento do votivo. Todavia, esta situação afigura-se consistente com a apreciável influência destes grupos nas várias esferas de actividade da colónia (Edmondson, 2000: 311; Pastor Muñoz, 2010: 356). Provavelmente devido à sua maior pujança e

13. FE 133, 2015, 557: *D(eo) O(ptimo) M(aximo) / Nothu/s Au[. . .] / ex / voto [A]/ran(t)o/ni(?) (p)oni(t?)*.

14. CIL II, 618 (Trujillo, Cáceres): *Genio / Turg(alensium) / Lucius Crusi/nus Pr/imigen/ius / v(otum) s(olvit)*.

15. Melena, 1984: 239 (Trujillo, Cáceres): *[S]urus(?) T/anci/ni l(ibertus) / Nabi(ae) s(acrum) a(nimo) l(ibens) / aram p/ osuit et / vot(um) sol(vit)*.

mobilidade económica, os libertos gozam de mais abundante representação do que os escravos, sendo os monumentos epigráficos reflexo do seu poder aquisitivo, particularmente em Mérida e nos núcleos urbanos do Sul do território actualmente português. De uma forma geral, avulta a elevada romanização religiosa destes territórios e indivíduos, sem que, no entanto, esta tenha obliterado a presença de divindades indígenas e orientais na religiosidade dos grupos de origem servil; particularmente em Mérida, onde se observa uma mais acentuada ligação entre estes indivíduos e os cultos orientais. A situação exposta por J. Mangas (1971: 114) e A. Vázquez Hoys (*op. cit.*) encontra então reflexo nesta parte do território, embora a fixação dos cultos romanos se afigure na realidade mais pronunciada face ao descrito pelos mesmos. Afigura-se curioso o facto de os testemunhos do culto de Juno (apenas dois exemplares, de Mérida e Beja) registarem unicamente escravos e libertos entre os seus cultuantes, tendo em conta o afastamento destes indivíduos em relação ao culto de divindades romanas oficiais (Mangas, *op. cit.*).

Quanto à natureza das divindades cultuadas, a situação descrita por J. Mangas (1971: 273), que enfatiza a ligação entre as divindades indígenas e os escravos, ligando porém os libertos ao fenómeno de sincretismo destas com as suas correspondentes romanas, deve ser matizada para o território em análise, dado que estes também não se revelam alheios ao culto de divindades puramente autóctones. Efectivamente, cabe referir aqui o facto de certos testemunhos do culto destas divindades registarem o cumprimento de votos tanto por parte de escravos como de libertos, nomeadamente em âmbito rural.

No entanto, o carácter fragmentado dos dados não nos permite tirar ilações sólidas sobre a distribuição das divindades consoante a esfera urbana ou rural dos territórios, embora se afigure observável uma maior ligação das divindades orientais a centros urbanos, bem como das divindades romanas de natureza florestal aos territórios rurais. Um aspecto comum à globalidade do território em análise passa pela ligação dos libertos a divindades tutelares (embora de forma subtil, tendo em conta a modéstia das amostras epigráficas). Tal como havia sido descrito por G. Fabre (1976: 424), trata-se de um reflexo da ligação entre os libertos e a cidade onde residem. No tocante à evidência do desempenho de certos cargos por estes indivíduos em contexto votivo, a informação de que dispomos apresenta-se escassa,

merecendo no entanto referência a presença de sacerdotes do culto de Cibele, em Mérida e Beja; bem como a participação de *medici* nos rituais votivos, em Mérida e Santiago do Cacém.

Tendo em consideração a ambiguidade que caracteriza a condição liberta face aos escravos e aos *civi Romani*, afigura-se então plausível que estes indivíduos tenham recorrido às práticas e rituais votivos como forma de reforçar o sentimento de coesão e pertença entre eles. Todavia, a escassez de dados relativos aos escravos não nos permite confirmar a consonância ou discrepância das suas práticas votivas em relação aos libertos. Por sua vez, encontrando-se desprovidos de personalidade jurídica, os escravos terão buscado na religiosidade uma forma de exprimir a sua humanidade e obter algum conforto das agruras da condição servil.

BIBLIOGRAFIA

AE: *L'Année Épigraphique. Revue des publications épigraphiques relatives à l'Antiquité romaine*. Paris: Presses Universitaires de France.

ALVAR, Jaime (1981) – El culto de Mitra en Hispania. *Memorias de Historia Antigua*. Oviedo. 5, pp. 51-72.

CIL II: HÜBNER, Emil (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum II. Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: G. Reimer.

DAREMBERG, Charles; SAGLIO, Edmond; POTTIER, Edmond (1900) – *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Vol. III. Paris: Hachette et C^{ie}.

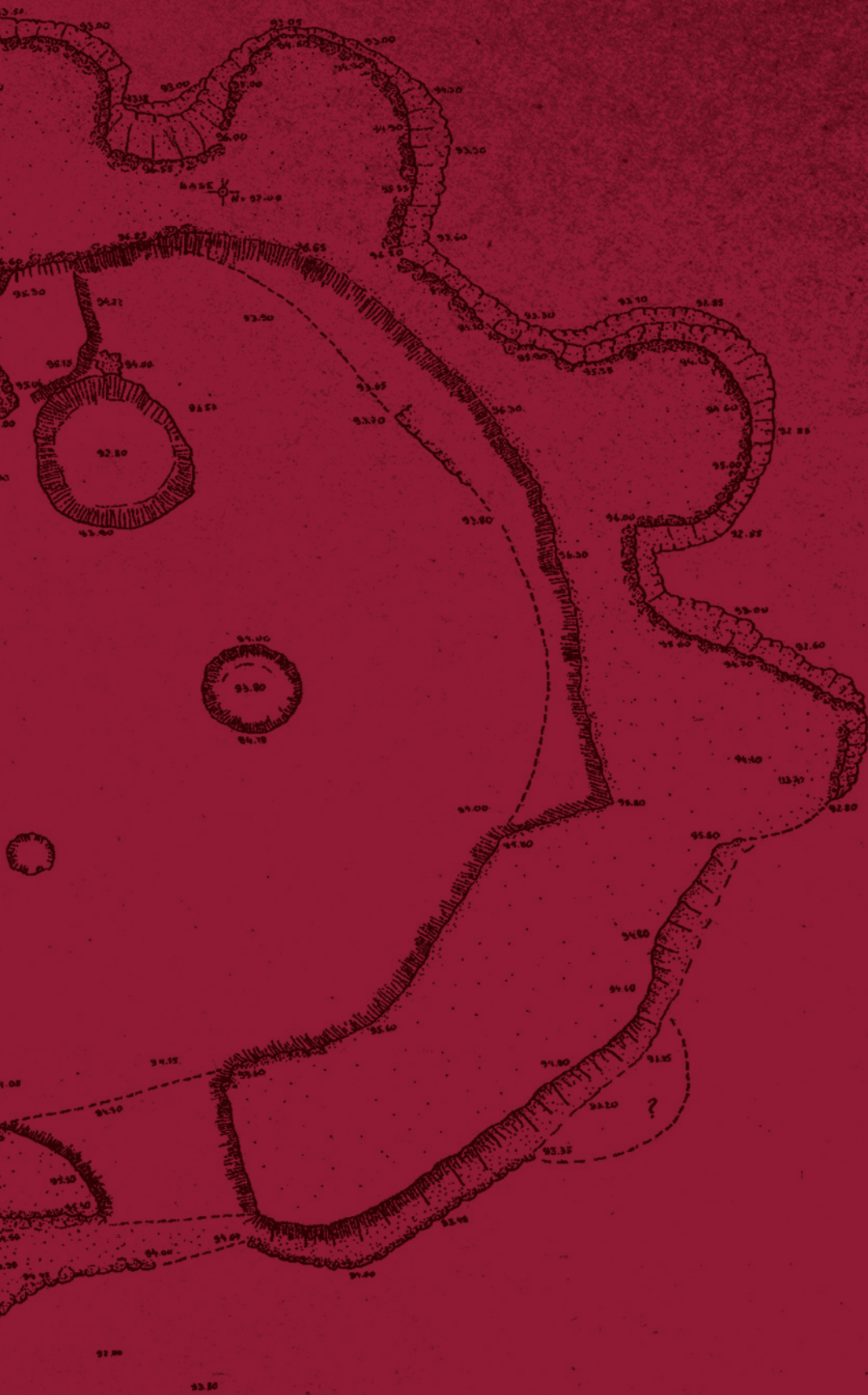
EDMONDSON, Jonathan (2000) – Conmemoración funeraria y relaciones familiares en Augusta Emerita. In GORGES, Jean-Gérard; NOGALES BASARRATE, Trinidad (coords). *Sociedad y cultura en Lusitania romana: IV Mesa Redonda Internacional sobre la Lusitania romana*. Mérida: Junta de Extremadura, pp. 299-328.

EDMONDSON, Jonathan (2009) – New light on doctors, medical training and links between Augusta Emerita and Olisipo in the mid-first century AD. In AAVV (eds.). *Espacios, usos y formas de la epigrafía hispana*. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos de Archivo Español de Arqueología, 48), pp. 117-129.

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições romanas do conventus Pacensis: Subsídios para o estudo da romanização (=IRCP)*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. 2 vol.

ENCARNAÇÃO, José d' (2008) – IRCP, 25 anos depois. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11: 2, pp. 215-230.

- ERAE: GARCÍA IGLESIAS, Luís (1972) – *Epigrafia romana de Augusta Emerita*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidad Complutense de Madrid.
- ESTEBAN ORTEGA, Julio; REDONDO RODRÍGUEZ, José Antonio (2015) – Ara votiva en Ibahernando, Cáceres (Conventus Emeritensis). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 133, nº 557.
- ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise (1984) – La dénomination antique de Mérida. *Lucerna: Colectânea de estudos de homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*. Porto, pp. 159-172.
- FABRE, Georges (1976) – Les affranchis et la vie municipale dans la Péninsule Ibérique sous le Haut-Empire: Quelques remarques. In AAVV (eds.). *Actes du Colloque sur l'Esclavage (IV Colloque du Groupe International de Recherches sur l'Esclavage dans l'Antiquité, Besançon, 1973)*. Paris: Les belles lettres, pp. 417-462.
- FABRE, Georges (1981) – *Libertus*: Recherches sur les rapports patron-affranchi à la fin de la République Romaine. Paris: E. de Boccard (Collection de l'école française de Rome, 50).
- FITA COLOMÉ, Fidel (1917) – Epigrafía romana y griega de la provincia de Cáceres: Nuevas ilustraciones. *Boletín de la Real Academia de Historia*. Madrid. 71, pp. 437.
- HAE: *Hispania Antiqua Epigraphica. Suplemento anual de Archivo Español de Arqueología*. Madrid: Instituto de Arqueología y Prehistoria Rodrigo Caro / Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- HEp: *Hispania Epigraphica*. Madrid: Universidad Complutense.
- ILER: VIVES, José (1971) – *Inscripciones latinas de España romana*. Barcelona: Universidad de Barcelona.
- KAJANTO, Iiro (1982) – *The Latin cognomina*. Roma: Giorgio Bretschneider Editore (Commentationes Humanarum Litterarum XXVI, 2) (reimpressão da edição original de 1965).
- MANGAS, Julio (1971) – *Esclavos y libertos en la España romana*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- MELENA, José (1984) – Un ara votiva romana en El Gaitán, Cáceres. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 1, pp. 233-260.
- PASTOR MUÑOZ, Mauricio (2010) – Sociedad y epigrafía en Augusta Emerita durante el Alto Imperio: Los libertos. In GORGES, Jean-Gérard; NOGALES BASARRATE, Trinidad (coords.). *Origen de la Lusitania romana (siglos I a. C. – I d. C.): VII Mesa Redonda Internacional sobre la Lusitania romana*. Toulouse: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 337-366.
- PRÓSPER, Blanca (2002) – *Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad (Acta Salmanticensis, 295).
- RIBEIRO, José Cardim (2002a) – Ara consagrada a Diana (e a Silvanus?), por Fonteius Philomusus. In RIBEIRO, José Cardim (coord.). *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 444-445, nº 114.
- RIBEIRO, José Cardim (2002b) – Árula consagrada a Silvanus e a Diana, por Peculiaris. In RIBEIRO, José Cardim (coord.). *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 445-446, nº 115.
- TEIXEIRA, Sílvia (2015) – *Cultos e cultuantes no Sul do território português em época romana (sécs. I a. C. – III d. C.): Uma aproximação à sociologia das religiões*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- TOUTAIN, Jules (1911) – *Les cultes païens dans l'empire romain. Tome II: Les cultes orientaux*. Paris: E. Leroux (Bibliothèque de l'École des Hautes Études, Sciences Religieuses, 20). Disponível online em <http://www.archive.org/details/lescultespaenso2tout>, descarregado em 05-12-2013.
- VÁZQUEZ, Ana María (1981) – Algunas consideraciones sobre cultos locales en la Hispania romana. *Memorias de Historia Antigua*. Oviedo. 5, pp. 41-50.



Patrocinador oficial